

CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA
FRANCISCO FRANCINETE LEITE JUNIOR

A ANATOMIA É O DESTINO? CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE E SUAS
INTERFACES COM A PSICANÁLISE

JUAZEIRO DO NORTE - CE

2022

FRANCISCO FRANCINETE LEITE JUNIOR

A ANATOMIA É O DESTINO? CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE E SUAS
INTERFACES COM A PSICANÁLISE

Trabalho de Conclusão de Curso de pós graduação,
apresentado ao curso de Especialização em Teoria
Psicanalítica do Centro Universitário Doutor Leão
Sampaio, como requisito para obtenção do título de
especialista.

Orientador: Prof. Dr. Raul Max Lucas da Costa

JUAZEIRO DO NORTE - CE

2022

A anatomia é o Destino? Corpo, Gênero e Sexualidade e suas interfaces com a Psicanálise

Francisco Francinete Leite Junior¹

Raul Max Lucas da Costa²

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo problematizar a intersecção entre Corpo, Gênero e Sexualidade no campo da Psicanálise. Metodologicamente, centra-se numa revisão da literatura do tipo narrativa em diálogo com autores clássicos e contemporâneos, a partir das palavras chaves Corpo, Gênero, Sexualidade, Psicanálise em intersecção. Tomando-se as discussões em torno da masculinidade e feminilidade, atividade e passividade, discute-se a constituição do marcado pelas dimensões de corpo, gênero e sexualidade. Valoriza-se a ética da psicanálise, calcada na concepção de um sujeito desejante para fazer a leitura do masculino e do feminino, como estruturantes da personalidade, ultrapassando os limites das representações sociais que o reduzem a homem e mulher. Conclui-se portanto, que a compreensão das construções teóricas em torno do corpo, gênero e sexualidade no campo da Psicanálise passou por transformações significativas que redesenham a análise do sujeito e ampliam as possibilidades de intervenção na clínica psicanalítica, fazendo-nos perceber o quão é necessário o retorno as bases da Psicanálise.

Palavras Chaves: Corpo, Gênero, Sexualidade, Psicanálise

ABSTRACT

The present study aims to problematize the intersection between Body, Gender and Sexuality in the field of Psychoanalysis. Methodologically, it focuses on a literature review of the narrative type in dialogue with classic and contemporary authors, based on the key words Body, Gender, Sexuality, Psychoanalysis in intersection. Taking the discussions around masculinity and femininity, activity and passivity, the constitution of the marked by the dimensions of body, gender and sexuality is discussed. The ethics of psychoanalysis is valued, based on the conception of a desiring subject to read the masculine and the feminine, as structuring of the personality, surpassing the limits of the social representations that reduce it to man and woman. It is concluded, therefore, that the understanding of theoretical constructions around the body, gender and sexuality in the field of Psychoanalysis has undergone significant transformations that redesign the analysis of the subject and expand the possibilities of intervention in the psychoanalytic clinic, making us realize how necessary to return to the bases of Psychoanalysis.

Keywords: Body, Gender, Sexuality, Psychoanalysis

1 Doutor em Psicologia Clínica pela Universidade Católica do Pernambuco – UNICAP, pós-graduando em Teoria Psicanalítica, email: francinetejunior@leaosampaio.edu.br

2 Doutor em Psicologia pela Universidade de Fortaleza – UNIFOR, raulmax@leaosampaio.edu.br

INTRODUÇÃO

A psicanálise possui em seu escopo a tendência de imergir em temas considerados íntimos e rodeados de preconceitos. São temas que costumam ser encobertos na busca de atenuar o desconforto que pode ser gerado ao trazê-los. Em vista e em concordância disso, nota-se o crescente avanço em pesquisas com viés psicanalítico acerca das discussões sobre corpo, gênero e sexualidade percebendo a pertinência destas demandas contemporâneas.

Sabe-se que em 1924, Freud usa a frase “a anatomia é o destino” (p. 252) para se referir a distinções no Édipo a partir da diferença morfológica existente entre os corpos do homem e da mulher. Afirmção contestada fortemente por movimentos sociais e outros teóricos que não perceberam a dimensão contexto dependente da escrita desta afirmação.

Observa-se que o cenário contemporâneo tem exigido atenção por parte de pesquisadores e teóricos estudiosos dos fenômenos humanos. Encontra-se neste panorama aspectos importantes e outros já conhecidos e que tem se repetido pelas novas gerações. A investigação também circundou aspectos importantes que ampliam a perspectiva de análise.

A partir das questões teórico-clínicas sobre as manifestações somáticas que Freud, desenvolve desde o seu conceito de inconsciente e propõe a constituição do aparelho psíquico a partir do corpo. Já para Lacan o corpo é marcado pelo significante e habitado pela libido, corpo erógeno e singular, repensa a problemática do corpo em Psicanálise à luz da nova perspectiva da linguagem.

A noção de sexualidade para Freud, no livro “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, de 1905, estabelece que a sexualidade não deve ser tratada como instinto (comportamento animal definido pela hereditariedade), introduz o termo pulsão (Trieb). A presença de necessidades sexuais se manifesta por meio de pulsões e tais pulsões são de natureza sexual, designadas pela libido.

Diferentemente, Lacan, critica o biologismo naturalizante de Freud e valorizar a dimensão de linguagem inerente aos processos simbólicos de subjetivação e de sexualização, recolocou a psicanálise no debate, emergente nos anos 1970, sobre o caráter ético-político das identidades, dos discursos e das práticas sexuais.

Não apenas isso, é preciso observar como a organização da sociedade atual influencia tais sintomas e quais impactos podem ser percebidos na própria construção social, tendo em vista a dinâmica relacional entre sujeito e sociedade. O estudo trata de um tema em que tem havido crescente busca ao entendimento, tem demarcado um desafio perante a sociedade e gerado inquietações. O exposto anteriormente sinaliza que pesquisas acerca do assunto são necessárias como compromisso acadêmico e psicanalítico em realizar investigações no que concerne à problemáticas que incidem no âmbito social e, por conseguinte, em outros aspectos da vida.

Nesse sentido, essa pesquisa surge a partir do interesse em investigar tal temática devido a implicação clínica e inserção do pesquisador no campo da Pesquisa e da docência. Socialmente percebe-se a importância devido as lutas e reivindicações dos movimentos sociais. Academicamente, tem-se o interesse de compreensão epistemológica que possibilitam assim um repensar sobre a teoria Psicanalítica

A pesquisa, portanto, tem o objetivo de problematizar a intersecção entre Corpo, Gênero e Sexualidade no campo da Psicanálise.

METODOLOGIA

A pesquisa aqui descrita, caracteriza-se como uma revisão da literatura, que segundo Martins (2018) tem como premissa básica ser um método pelo qual se obtém a fundamentação teórica necessária para abordar determinado assunto e seu problema de pesquisa. Através do estudo de materiais disponíveis na literatura publicada é possível delinear um enquadre teórico para buscar estruturação que visa oferecer embasamento e sustentação a produção.

É recomendado que para o processo de revisão de literatura utilize-se a pesquisa bibliográfica tomando como base a literatura que tenha sido publicada e esteja disponível por meio de artigos, livros, dissertações, teses, relatórios, trabalhos destinados para e exibidos em seminários e congressos (MARTINS, 2018). Todos os tipos de materiais citados possuem rigor teórico importante para que possam ser efetuadas consultas e investigações confiáveis.

A produção em questão pode ser classificada como uma revisão de literatura do tipo narrativa, que segundo Cordeiro et al (2007) é um método de

revisão que fornece ao pesquisador maior abertura para conceber uma temática. Outro aspecto dessa classe de pesquisa apoia-se no fato de que a seleção de materiais não é pautada por critérios elencados rigidamente, o que confere maior autonomia e liberdade para escolha do pesquisador e, por conseguinte, permite a intervenção subjetiva deste. Em concordância com o disposto, para elaboração desta pesquisa realizou-se buscas em plataformas científicas para obtenção de artigos e revistas, bem como utilizou-se de livros que versam sobre a temática central.

Buscou-se trabalhar com autores clássicos da psicanálise, a citar, Freud e Lacan, e com autores que comentam suas obras, mas que não se limitam a isso e estabelecem novas proposições, contribuindo para o aprimoramento da teoria. É importante destacar que um estudo em psicanálise tem a particularidade de que sua essência tem o caráter qualitativo, exalta por assim dizer os aspectos subjetivos do sujeito, sabendo que não há desprezo do coletivo, pelo contrário, o que há é a interface entre o individual e social. Neste ponto, Moreira (2010), recorda que foi Freud que alertou para a necessidade de rejeitar esta separação, visto que além do autor ter percebido o equívoco que a dicotomia operava, ele mesmo realizou estudos de fenômenos coletivos à luz da teoria psicanalítica.

Vale ressaltar que Freud fez estas constatações mediante sua experiência na clínica, levando ao entendimento da dialogicidade entre clínica, o contexto social e a pesquisa. É a partir deste viés qualitativo que a pesquisa em pauta emerge, visando também ter em foco o pressuposto de que os sintomas evocados dentro de uma coletividade devem segundo a dialética indivíduo/sociedade levar em conta o contexto histórico-cultural. O debate que o autor busca levantar está envolto a possibilidade ou não de se realizar a transmissão da psicanálise dentro deste espaço, muito ainda enraizado em moldes tradicionais de pesquisa.

CORPO: A PELE COMO TERRITÓRIO

O corpo na contemporaneidade tem evidenciado a não separação entre corpo e mente, corpo biológico e o corpo cultural. O corpo já não é mais visto como um instrumento, como uma máquina, como uma estrutura que já nasce

pronta, fixada. Cada vez mais o corpo é visto como algo que se revela aberto a mudanças, como um processo vivo, em constante transformação. Um corpo individual, diferenciado, mas permeado pelo meio, por suas experiências em ação com o mundo, em permanente relação (AFONSO, 2014).

Em decorrência disso, na sociedade contemporânea, o corpo saiu do espaço privado de manifestações do individual, e conquistou o espaço público, influenciado pela mídia que o expõe em outdoors e meios de comunicação; cultua padrões de formas físicas ditas perfeitas, estéticas e midiáticas, deturpando assim seus comportamentos afetivos e relacionais. (SANTOS, 2014).

Nesse sentido, o corpo sob a visão científica é visto como matéria prima, pois se dissolve a identidade pessoal, e não se apresenta mais como uma raiz de identidade do homem. O corpo portador de histórias, singularidades e culturas está sendo reduzido a um artefato de espetacularização da indústria cultural e do consumo (LE BRETON, 2003, p.15). Em vista disso, o corpo na contemporaneidade é entendido como uma construção, mutável e mutante, suscetível a mudanças e intervenções referentes ao desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura, suas leis, códigos morais e do modo de produção de significados na vida cotidiana (GOELLNER, 2003).

Partindo dessa perspectiva, Martins (2015) traz que, o corpo atualmente está passando por inúmeras transformações, ou seja, passa por mutações que o deixa moldado, ou adaptado ao padrão desejado. Esta autonomia de pertencimento expõe o corpo como um simples objeto de que se pode livremente utilizar-se para alcançar os objetivos e sonhos, em meio a isso procura muitas vezes atingir uma imagem cultural, que supostamente precisamos aceitar, tornando-se “escravo do ideal” (ARAÚJO, 2017).

Em vista disso, a nossa sociedade modela o corpo por meio das relações sociais e culturais, numa tentativa de controlar seus usos e comportamentos. Tendo em vista a percepção do sujeito em relação a seu corpo há uma influência pelos constructos sociais como as representações comportamentais da personalidade e dos estados emocionais. Percebe-se que cada época tem seus padrões de beleza, mas acredita-se que estes não tenham sido tão rigorosos como na contemporaneidade, em meio às diversidades de culturas existentes de

uma sociedade que constantemente modifica-se (LOPES; MENDES; SOUZA, 2017).

Nota-se, que o indivíduo modifica ou transforma seu corpo não o apenas pelo ideal estético, mas também por um processo de socialização, tendo como principal objetivo adaptar-se aos costumes, comportamentos e modos da cultura do seu ambiente social, para que assim possa aprender a sobreviver por si mesmo e controlar seu comportamento de acordo com as exigências da vida em sociedade (PRUDÊNCIO, 2016).

Diante disso, percebe-se que há novos meios no qual o corpo passa por mudanças sendo essas, através de alimentação controlada, processos cirúrgicos invasivos, prática excessiva de exercício em salas de musculação, tornando um processo constante no corpo mutável. Há corpos que se apresentam como vendáveis inspiradores de seguidores a esculpirem seus corpos de forma idêntica (MARTINS, 2015).

Cabe destacar a esse respeito, que atualmente o corpo representa na estética da contemporaneidade um ícone do consumismo, da exposição midiática e, principalmente, um refúgio dos sentimentos não assimilados que se tornam somatizações e inscrições corporais e como ele se revela atributo significativo de adolescentes, jovens e mulheres (SANTOS, 2014).

Le Breton (2013) expõe que a perfeição é apenas uma promessa, e que o preço que se paga para o seu alcance é arriscado e imprevisível. Onde é oferecido um corpo perfeito, difundido como sinônimo de saúde, bem-estar e felicidade, é alcançável por todos, desde que se sigam algumas prescrições. Dessa forma, o corpo é tratado como um rascunho, que pode ser modelado e remodelado de acordo com os desejos de quem o possui, buscando alcançar o modelo ideal. Os efeitos sobre a subjetivação são os mais variados possíveis, principalmente no contexto contemporâneo, pois estabelece padrões que produzem sofrimento e se materializa em processos de psicossomáticos.

Diante disso, no mundo ocidental a admiração do corpo dito como perfeito é algo que está sempre em pauta, observa-se uma característica simples onde no comércio roupas e acessórios para pessoas acima ou abaixo do peso são bem difícil. Na procura pelo ingresso no âmbito social a mulher procura se padronizar de acordo com as regras instituídas pela sociedade e seguir seus padrões, para que assim não se sinta excluído ou expulso do ambiente. Portanto,

acredita-se que o indivíduo termina por procurar diversos tipos de tratamento estético para se enquadrar nesta sociedade onde a imagem é tudo (BARROS; OLIVEIRA, 2017).

Importante considerar que, os corpos por buscarem incessantemente sua perfeição e originalidade acabam apagando-se no meio do coletivo dessa busca, pois o mesmo acaba se transformando em regras. Essa busca infelizmente acabará a um ideal inatingível, as promessas de plenitude e felicidade absoluta são temporárias, gerando a impossibilidade de adequar-se aos novos padrões estéticos. A não adequação ao padrão estabelecido causa uma ideologia de fracasso, de impotência do próprio corpo (DEL-PRIORE, 2013).

Em torno disso, Foucault (2009) percebe que o corpo se tornou alvo do poder, onde o mesmo podia ser moldado, rearranjado, treinado e submetido tornando-se assim tão útil quanto sujeito. Sabe-se que o poder é percebido como:

Multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte, os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esforço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação de Leis, nas hegemônias sociais. (Foucault, 2014 ,p.100-101)

O corpo se viu dobrado pelo poder, de modo imperceptível, por meio de técnicas de dominação. Desde sempre houve essa relação de força agindo sobre os seres humanos, mas a Modernidade trouxe aspectos que agem com o corpo de modo que o mesmo pode ser dividido, separado, medido e investigado em cada detalhe. Afinal, o corpo se tornou objeto de uma das mais fortes regulações sociais.

Nesse sentido, o Biopoder está relacionado à regulação sobre o corpo e o controle de populações, onde em uma sociedade ocidental que o poder toma a vida como um objeto de sua regulação, há transformações consistentes na inclusão de processos biológicos nas operações do poder soberano (FURTADO; OLIVEIRA, 2016).

Cabe ressaltar que a sociedade disciplinar, como inicialmente propôs Foucault, permite resistências. É assim que surge a possibilidade da alteridade. O movimento de resistência faz parte de uma dinâmica de tensões inerentes ao poder, que cada vez que apresenta o diferente como efeito de resistência, provoca reações de correção e normatização.

Foucault (2009) se atenta ao biopoder, uma arte de governo sobre os corpos, surgindo no final do século XVIII e apresentando duas facetas: a anatomo-política do corpo humano e a biopolítica das populações. Se o poder soberano fazia morrer, o biopoder faz viver e deixa morrer as formas de vida que menos interessam, improdutivas ao sistema socioeconômico neoliberal. Enquanto os corpos eram propriedade do rei, no biopoder os corpos são objeto de apropriação mercadológica utilitária. O biopoder para Foucault (2008b) é caracterizado pelo conjunto de mecanismos pelos quais características biológicas fundamentais da humanidade são atravessadas por estratégias políticas, ocupando-se da gestão da saúde, segurança, alimentação, sexualidade, natalidade e mortalidade. A análise desses mecanismos de poder está aliada a transformações histórico-econômicas e a efeitos de saber que produzem choques e combates nas táticas de poder.

Já o nascimento da biopolítica conforme Foucault (2008a) assinala novas estratégias de poder utilizadas no tecido social, investidas sobre o gerenciamento da população. A biopolítica está alinhada a uma gestão de forças estatais e a uma tecnologia de governo, atuando sobre múltiplas cabeças, na regulamentação da vida e da morte conforme discursos de verdade e estratégias políticas.

Mas vale ressaltar que este não é concebida como uma coisa ou propriedade que pertença a alguém ou alguma classe. Por esta razão não existe, de um lado, aqueles que detêm o poder os dominantes e, de outro, aqueles que a ele estão submetidos os dominados. O poder na realidade não existe, o que existe é a prática ou relação de poder. Assim, o poder é algo que se exerce, que se efetua que funciona em rede e que, portanto, deve ser entendida antes como uma tática, manobra ou estratégia do que uma coisa, um objeto ou bem (DANNER, 2017).

Segundo Prudêncio (2016) a relação do indivíduo com o seu corpo, varia em relação com o tempo, no espaço e em suas interações sociais e culturais. As

diferenças corporais são relacionadas com o poder de consumo de cada grupo. E a aparência distingue os indivíduos dentro de um mesmo grupo, essa distinção, muitas vezes, está ligada à liderança, funções e cargos de alto poder hierárquico.

Em meio a essas mudanças, está também o cuidado com o corpo. Percebe-se que as mulheres passaram a se preocupar mais com a imagem, com a forma como se apresentam perante a sociedade. A cultura, portanto exige que elas estejam sempre bonitas e em forma isso acabou se tornando algo essencial. Nesse sentido a valorização da identidade do indivíduo foi ampliada, no entanto a cópia de imagens midiáticas e referências a padrões estéticos a serem consumidos trouxeram uma fragmentação desse indivíduo que é estimulado a renovar sempre a sua aparência e conseqüentemente a sua própria identidade (LIMA, 2015).

Nessa perspectiva, o cuidado de si segundo Foucault, remete a um amplo significado onde o cuidado de si mesmo sob a natureza do ocupar-se e preocupar-se consigo próprio. O cuidado de si perpassa uma vasta possibilidade de significações com relação a como cada um pode cuidar de si mesmo (SILVA, 2017).

Assim, a Psicanálise demarca que o corpo aparece como objeto de estudo abarcando diversos campos do saber e é visto por vários ângulos. O corpo é o corpo biológico, corpo da anatomia e dos estudos intervencionistas e invasivos da medicina; o corpo social produto das disciplinas ligadas à sociologia e psicologia social, um corpo em interação com outros corpos; o corpo estético e da beleza corporal, que ganha cada vez mais espaço na mídia e no imaginário das pessoas; o corpo antropológico; o corpo objeto de arte e admiração; o corpo histórico; e o corpo da psicanálise, corpo subjetivo, abordado pelo instrumental teórico/clínico da psicanálise. (LAZZARINE E VIANA, 2006)

Então como perceber a dimensão anatômica? Vidal (2012) ressalta que Freud em seus escritos considera a afirmação - A anatomia é o destino em dois contextos distintos. Em 1912, aponta a compreensão do quanto a posição genital continuava sendo um fator decisivo e imutável. Posteriormente em 1924, ao se deparar com o Édipo na menina, verifica que as exigências femininas de igualdade entre os sexos não tem aqui grande relevância, pois a diferença

morfológica que deve exteriorizar-se em diversidades do desenvolvimento psíquico.

A ideia de destino é exposta fazendo-nos perceber que tal termo formula que para o sujeito moderno tem-se uma ideia de vida que segue os traçados de um destino que deriva de uma instância da infância que advém do poder emanado dos pais. Para tanto, a crença na força do destino se encarna. (Vidal, 2012)

GÊNEROS E A PRODUÇÃO DE SENTIDO

O uso do termo "gênero" enfatiza todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, tampouco determina diretamente a sexualidade (Scott, 1995) Portanto, segundo Scott (1995), o termo "gênero", além de funcionar como substituto para o termo mulheres é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, pois um implica no estudo do outro. Esse uso rejeita a validade interpretativa da ideia de esferas separadas e sustenta que estudar as mulheres de maneira isolada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, não tenha relação com o outro. Além disso, o termo "gênero" também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos.

Quando há o questionamento sobre gênero, geralmente recorre-se ao binarismo masculino/feminino, no entanto há a necessidade de ampliar tais compreensões. Enquanto sujeitos, construímos uma imagem daquilo que julgamos ser homem ou ser mulher baseado naquilo que ouvimos e aprendemos a respeito dessa identidade, tomando como referência a anatomia. Freud também usa a anatomia como tentativa de definir o destino da sexualidade infantil a partir do complexo de Édipo (POLI, 2007).

Freud (1924-2010) afirma que, durante o desenvolvimento sexual da criança, esta avança até uma fase em que o genital masculino assume uma posição principal. Por outro lado, o genital feminino “permanece não descoberto” (p. 248). Esse momento é a fase fálica, simultânea na infância ao complexo de Édipo. Nessa fase do desenvolvimento da sexualidade infantil, “as crianças desconhecem o órgão sexual feminino. A genitalidade infantil opera sobre a

égide do falo, isto é, a teoria que atribui um único genital, o masculino, para ambos os sexos” (POLI, 2007, p. 10). Nessa fase, a diferença está entre o fálico e o castrado, seja no complexo de Édipo feminino ou masculino.

Freud (1924/2011) estabelece em sua teoria a ênfase na universalidade do falo e na angústia de castração, aos quais são demonstrados no complexo de Édipo reconhecendo que pênis e clítoris são análogos, porém prefere dar foco ao pênis como um órgão universal, algo que representa simbolicamente, e desconsidera o clítoris e a vagina como órgãos sexuais relevantes de simbolização. Observa-se isso no seguinte trecho:

O clítoris da menina se comporta primeiramente como um pênis, mas, na comparação com um camarada de brinquedo do sexo masculino, ela nota que ‘saiu perdendo’, e sente esse fato como desvantagem e razão para inferioridade. Durante algum tempo ela se consola com a expectativa de mais tarde, quando crescer, vir a ter um apêndice grande como o de um menino. (FREUD, 1924/2011, p. 188).

Seguindo a mesma lógica, o autor afirma que a menina não reconhece que sua falta do pênis é devido a uma condição biológica e deduz que foi castrada, ou seja, que retiraram o seu pênis em algum momento. Além disso, a menina não entende que outras mulheres também são castradas e que não possuem um pênis, pois acredita, assim como o menino, na universalidade desse órgão. Em contrapartida, ela passa a acreditar, após perceber que o seu suposto membro não vai crescer, que, no momento do seu nascimento, sua mãe a castrou, ocasionando o segundo momento do complexo de Édipo feminino, ao qual a garota direciona-se para o pai, visto que esse é detentor do falo (FREUD, 1924/2011)

Porém cabe ressaltar que a formulação freudiana sobre a primazia do falo é essencial para compreender o feminino e o masculino, permite compreender o falo como presença (nos meninos) ou ausência (nas meninas). Assim, ao atentar para aquilo que indica a diferença do feminino frente ao masculino, o feminino seria remetido a uma falta. Não se trata da falta de um órgão, o pênis, mas de um significante do sexo feminino.

Como no menino, o complexo de Édipo também é um momento importante na estruturação psíquica da menina, mas a forma de lidar com o complexo de castração é diferente, uma vez que ela já é castrada. No complexo

de Édipo do menino, este sucumbe a partir da ameaça de castração, fazendo-o renunciar aos objetos parentais, em conflito com o investimento libidinal sob o órgão fálico. Já na menina, há uma não aceitação num primeiro momento da sua castração e crença de que possuiria “um genital grande e completo e, portanto, masculino” (p. 253). Ao renunciar ao desejo de possuir um pênis, desliza esse desejo e passa a desejar possuir um filho do seu pai. Porém o desejo de possuir um pênis e um bebê “permanecem fortemente investidos no inconsciente e ajudam a preparar o ser feminino para o seu futuro papel sexual” (p. 253).

Em 1924, Freud usa a frase “a anatomia é o destino” (p. 252) para se referir a distinções no desenvolvimento infantil da sexualidade a partir da diferença morfológica existente entre os corpos. Enquanto o menino irá passar pelo desfecho do complexo Édipo, onde “a organização genital fálica da criança perece por uma ameaça de castração” (FREUD, 1924/2011, p.249), que irá resultar no abandono do investimento libidinal dos objetos, havendo a partir desse momento uma identificação com estes, a autoridade paterna é introduzida no Eu, formando a instância do Supereu e por fim os “anseios libidinais referentes ao complexo serão dessexualizados e sublimados, entrando a criança num período de latência do seu desenvolvimento sexual (FREUD, 1924/2011).

Sob uma perspectiva sobre o infantil Freud menciona que a menina entra no complexo de Édipo a partir do complexo de castração. Num primeiro momento há a identificação do clitóris com o pênis, porém o autor afirma que ao notar a sua desvantagem com relação ao tamanho do órgão do coleguinha menino, irá lhe dar um motivo para se sentir inferior. Na esperança de que um órgão genital cresça tão grande quanto o do menino, a menina entra então no complexo de masculinidade (FREUD, 1924). Esse complexo “trará grandes dificuldades ao desenvolvimento predeterminado da feminilidade, caso a mulher não possa logo superá-lo” (FREUD, 1925, p. 264). Ao reconhecer que não pode competir com o menino, havendo o reconhecimento da diferença anatômica entre os sexos, a menina afasta-se da masculinidade, desdobrando-se para a feminilidade (FREUD, 1925).

Dessa forma, enquanto o menino abandona o complexo de Édipo através do complexo de castração, a menina entra no complexo a partir do complexo de castração. Esse complexo trabalha “limitando e inibindo a masculinidade e promovendo a feminilidade em cada caso” (FREUD, 1925, p. 269). Essa

diferença é resultado da anatomia distinta entre ambos os sexos e da situação psíquica ligada a esta, havendo a distinção entre a castração de fato e a ameaça apenas desta castração (FREUD, 1925).

A descoberta de Freud é desconcertante, embora se revele bastante razoável na experiência da clínica psicanalítica: a sexualidade feminina se constitui necessariamente sobre uma base de intensa ligação a um objeto do mesmo sexo. Chamamos, sim, o objeto materno de “sexual”, pois é no prazer corporal experimentado na amamentação e no contato com o corpo da mãe que se estabelecem as bases para o desenvolvimento da pulsão sexual, em meninos e meninas. O desenvolvimento dito “normal” do menino deve passar pela rivalidade edípica com o pai. Mas mesmo depois dessa travessia, a marca do primeiro amor do menino por sua mãe definiria a orientação do desejo sexual masculino (a questão homossexual não é abordada aqui). Já para a menina, a questão se complica; no caso de um desenvolvimento “normal” da orientação sexual, a menina parte de uma ligação intensa, afetiva e erótica, com um objeto do mesmo sexo (a mãe). Isso exige dela um movimento a mais, na travessia edípica, para cumprir sua destinação de se tornar mulher e mãe. Segundo Kehl (2019) a famosa frase de Freud, apropriada por Simone de Beauvoir– “não se nasce mulher, torna-se mulher” –, refere-se à árdua elaboração da identificação da menina a seu sexo biológico.

Freud (1924, 1925 - 2010), contesta a reivindicação das feministas sobre a igualdade dos sexos, afirmando que ela “não nos leva muito longe” (p. 252), pois a diferença morfológica resulta em distinções no desenvolvimento psíquico e acrescenta ainda:

Todos os indivíduos humanos, em razão da sua constituição bissexual e de herança cruzada, reúnem em si características masculinas e femininas, de maneira que a pura masculinidade e a pura feminilidade são construções teóricas de conteúdo incerto” (p.271)

Poli (2007) explica que a partir das contribuições de Lacan para a psicanálise, “compreende-se que o falo é um atributo de valor que é construído e que circula em uma dada estrutura organizada por funções: a função materna e paterna como suportes psíquicos necessários a construção do sujeito” (p. 36). Nesse sentido, a atribuição fálica no complexo de Édipo ganha um novo sentido: A criança, enquanto falo materno, confunde-se com o corpo da mãe e é alienada ao seu desejo. Em seguida, o pai opera um corte na relação mãe-bebê,

destituindo a criança de seu lugar fálico e operando também sobre a referência materna. Dessa forma, o falo se desloca. O falo não pertence nem ao pai, nem a mãe, independentemente do sexo do filho. O falo está e é encarnado pelo pai e este é desejado pela mãe. Enfim, o falo passa do estatuto imaginário ao falo simbólico. Ele deixa de ser uma insígnia confundida com seu portador para ser o significante da falta. A autora ainda complementa que:

a diferença sexual anatômica deixa de ser tão fundamental como em alguns momentos se vislumbra no texto freudiano. A anatomia é o suporte imaginário presente na fantasia, mas que não se deve confundir com o estatuto simbólico das funções e das posições de desejo em relação ao significante fálico (p. 36).

Elias (2008) afirma que “tanto a virilidade quanto a feminilidade depende muito mais da função fálica do que do órgão que o representa. A castração é o que permitirá a sexuação, a diferenciação entre os sexos, e situará a partir daí sua eleição de objeto sexual” (p. 5).

Segundo Ambra (2013) é possível propor que Freud, não tinha como foco de interesse o que hoje consideramos com gênero ou mesmo identidade sexual. Parece-nos que suas reflexões dão mais ênfase às possibilidades de escolhas objetais, e as identificações nos casos de homossexualidade ocorrem sempre em função de identificações inconscientes. Eis a sua preocupação, o que hoje parece ser bastante atual.

Cossi (2010) fazendo uma leitura da teoria Lacaniana, explica como o sexo masculino e feminino são reconhecidos e diferenciados no inconsciente a partir de um conceito introduzido por Lacan: a sexuação. “Sua teoria tenta esvaziar o caráter universal do falo, submetendo a sexualidade à dimensão da contingência” (p. 79). Contraponto o desejo constituinte do sujeito, é introduzido o conceito de gozo. A função fálica tem grande importância na estruturação masculina e feminina, mas não suficiente. Dessa forma, “a diferença sexual é da ordem do real, ou seja, são modalidades de gozo masculino e feminino que determinam a posição sexuada do sujeito” (p. 80).

Lacan *apud* Cossi (2010) especifica a diferença entre o gozo feminino e masculino, que não tem relação com as diferenças biológicas. Ao falar do gozo masculino, o autor afirma que todo homem está submetido a ordem fálica. São homens aqueles que, “independente da sua anatomia ou constituição genética, são totalmente determinados pela função fálica e dela deriva seu gozo” (p. 80).

A lei fálica sugere uma perda, dessa forma a masculinidade é marcada por uma não completude e a tentativa de reabsorver esse fragmento de gozo. Já na mulher, não há o universal como nos homens, “a feminilidade não é marcada por sua incompletude, mas por sua inconsistência” (p. 81). Ela está inserida na função fálica, mas não só dela faz parte, há algo a mais, existe um Outro gozo. Ainda Dunker *apud* Cossi,(2004) complementa:

derruba-se a concepção universalista da sexualidade. Por outro lado, não há falocentrismo; não porque o falo não esteja presente, mas porque ele não está mais no centro e nem funciona como operador para pensar toda a sexualidade. Não há A sexualidade, mas sexualidades (p. 125).

Dessa forma, “há um avanço na concepção lacaniana da sexualidade onde o falo não é mais o único organizador das práticas de gozo”

SEXUALIDADE E AS INSCRIÇÕES DO DESEJO

A sexualidade como tema central na teoria psicanalítica, sendo ponto de partida para o entendimento de conceitos fundamentais. Freud, em 1905, na sua publicação *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade* apresenta uma nova perspectiva sobre a maneira como a sexualidade se manifesta no ser humano, para isso fazendo uma análise a partir dos sujeitos invertidos, ou seja, aqueles que não se relacionam de acordo com a norma heterossexual, mantendo relações sexuais com pessoas do mesmo sexo. Na obra, o autor analisa a sexualidade não a partir da função dita normal, a reprodução, mas daquilo que desvia desse objetivo biológico (CECCARELLI, 2017). Ao reduzir a sexualidade apenas ao sentido reprodutivo, exclui-se diversas coisas que são inegavelmente de sentido sexual, como o beijo e a masturbação (FREUD, 1916 -2010).

Adentrando no campo das perversões, Freud (1905 - 2010) mostra que a não normatividade da sexualidade não é algo exclusiva dos ditos “invertidos”. Não só os homossexuais, mas todos os seres humanos possuem em maior ou menor grau interesse por desvios dessas normas, onde o “objeto sexual normal é substituído por outro que guarda relação com ele, mas é totalmente inapropriado para servir à meta sexual” (p. 45). Freud afirma ainda que o ato sexual “apenas em raríssimas vezes se limita aos genitais, mas se estende a todo o corpo” (p. 42). A partir desse texto, houve o que Jorge e Travassos (2017)

colocam como constatação da universalidade das perversões sexuais. Desconstruindo assim as compreensões reducionistas e apressadas sobre a ideia das perversões.

Freud (1917-2010) afirma que os neuróticos apresentam “sintomas que constituem satisfações substantivas de caráter sexual”, que se apresentam através de vias perversas. Como exemplo, cita a sintomatologia da histeria que leva à formulação de que deve-se atribuir a órgãos outros que não os genitais uma importância sexual, erógena e ainda a neurose obsessiva, já que seus quadros sintomáticos são provocados por uma pressão dos impulsos sexuais sádicos, ou seja, perversos em sua meta (FREUD, 1916). Em cima dessa análise, Freud afirma que se existem sintomas de ordem perversa em pessoas normais, é porque eles se encontram latentes nestas.

Quando Freud afirma que a sexualidade, ao contrário do que se pensava na época, não aparece nos sujeitos apenas a partir da puberdade, mas é algo que já existe desde o nascimento. Porém, ela ainda não se apresenta enquanto dirigida a um objeto externo, mas a criança age de maneira autoerótica, buscando prazer no seu próprio corpo. Somente após atravessar as fases do desenvolvimento sexuais – oral, anal, fálica e genital – é que o sujeito estaria desenvolvido para a sexualidade enquanto a união de genitais (FREUD, 1916)

Freud introduz o conceito de pulsão como sendo “um dos conceitos na demarcação entre o psíquico e o físico” (p. 67). A pulsão, movida por uma energia psíquica sexual, uma força que o Eu investe nos objetos de seus interesses sexuais denominada libido (FREUD, 1916), diferencia a sexualidade humana da de qualquer outro animal. Enquanto os animais têm o instinto como base para a prática sexual em períodos de cio, a sexualidade humana é atravessada pela linguagem. A pulsão é um instinto que se desvirtua da sua meta (GARCIA-ROZA, 1998). Portanto, não tem um objeto fixo, mas sim um objetivo, a satisfação. Jorge (2017) afirma que a sexualidade humana é pulsional, atravessada pela linguagem, influenciada pela energia libidinal, enquanto o sexo no animal é cíclico, voltado para a reprodução.

Para o ser humano, a sexualidade não é sinônimo de genitália, se revelando em atividades aparentemente desprovidas de cunho sexual, como a leitura, esportes, a função excretora etc. A sexualidade é constituída de maneira

singular em cada sujeito e determinada por processos inconscientes (TRAVASSOS, JORGE, 2017).

Como destacado por Ceccarelli (2010), não se nota em Freud o uso do termo gênero, uma vez que em alemão uma só palavra serve para referir-se a sexo e a gênero ao mesmo tempo: *geschlecht*. Sobre a sexualidade e as diferenças existentes, Freud (1923\2011) afirma que durante as fases de desenvolvimento pré-genital não existe uma diferença entre masculino e feminino, mas uma oposição entre ativo e passivo. Na fase fálica, existe apenas o masculino, uma vez que a diferença dos sexos é entendida pela criança como quem possui o falo e quem é castrado. Seria através do complexo de castração na menina que haveria uma separação entre masculino e feminino, uma vez que o menino precisa abrir mão do seu objeto de amor e a menina, ao superar a inveja do pênis e superar o complexo de masculinidade, caminharia para uma feminilidade (FREUD, 1925). Apenas na puberdade, quando a criança chega ao final do desenvolvimento sexual, é que haveria uma distinção entre masculino e feminino. Além disso, o autor ainda firma que, devido à natureza bissexual do ser humano, homens e mulheres possuem características tanto femininas como masculinas, o que torna a masculinidade e a feminidade pura algo incerto (FREUD, 1925).

Robert Stoller, psiquiatra e psicanalista, dedicou-se a construir uma visão não patologizante das perversões e da transexualidade (JORGE, TRAVASSOS, 2017). Como descrito por Cossi (2018), a pesquisa realizada por Stoller estava voltada para o desenvolvimento da masculinidade e da feminilidade. Em 1968, fez sua primeira pesquisa voltada para a constituição da identidade sexual apontando gênero enquanto construção cultural.

Para o autor, era necessário diferenciar de maneira crucial o sexo orgânico, ligado a genética e anatomia, da identidade sexual, socialmente entendida como gênero, que estaria ligada a construções culturais sem ligação com o aspecto biológico. Dessa forma, “sexo e gênero não andam necessariamente lado a lado; um pode se desenvolver a despeito do outro” (p. 32). Como aponta Ceccarelli (2010), o sexo em Stoller estaria ligado ao biológico e o gênero ao psíquico, onde “o gênero prima sobre o psíquico” (p. 271). Dessa forma, o sexo - homem ou uma mulher, deve se apropriar de um gênero, feminino ou do masculino (CECARELLI, 2010). Assim, a sexualidade humana não é

definida de maneira biológica, mas baseia-se na história do sujeito a partir de suas relações objetais, tendo as forças biológicas caráter secundário na construção dessa identidade. (STOLLER, 2015 apud KOSOVSKI, 2016)

Para o Stoller (1993 apud COSSI, 2018), a sexualidade estaria vinculada a uma identificação inicial com a figura materna, que aconteceria num período pré-edípico, onde mãe e criança estariam fundidas. Dessa forma, não havendo diferença entre mãe e filho. A criança do sexo masculino, portanto, teria que superar a feminilidade que sua relação com a mãe implicaria sob ele próprio para formular o núcleo da sua identidade de gênero. A feminilidade seria então uma característica primária da criança, independentemente de seu sexo biológico. Na teoria de Stolleriana, a construção da identidade de gênero é um processo que se desenvolve até a adolescência, mas o seu núcleo é definido precocemente, antes da fase fálica identificada por Freud. Por volta do segundo ano de vida, a criança já deve ter consciência de seu sexo, se é homem ou mulher. A constituição desse núcleo da identidade de gênero está ligada a três fatores: o primeiro diz respeito à relação com os pais, que irão definir um comportamento para o filho de acordo com sua genitália. A segunda estaria ligada ao órgão sexual e as sensações e percepções que ele passa à criança. A terceira seria as forças biológicas que atuam sobre a criança.

Ceccarelli (2010) aponta que existe um conflito entre os estudiosos da psicanálise atualmente sobre a questão de gênero dentro dessa teoria. Para alguns autores, não haveria uma forte influência social sobre a construção do Eu, uma vez que cada sujeito é singular e se estrutura inconscientemente de maneira única, independentes do social. Já para outros, partem da lógica freudiana de que toda psicologia individual é também social. O autor supracitado ainda acrescenta que atualmente o que leva uma criança a se identificar enquanto menino ou menina é resultado de um processo que começa ainda na gestação está fortemente influenciado por seus cuidadores, que irão agir com a criança de acordo com o genital que esta possui, atribuindo assim uma identidade de acordo com seu gênero. O discurso dos pais irá operar sobre a criança, discurso marcado por suas crenças, fantasmas e por um desejo, e lhe marcará enquanto menino ou menina e que será reafirmado durante sua vida. Socialmente a criança será introduzida numa relação simbólica que espera que esta siga determinadas condutas e regras, "sem nenhuma relação com uma

suposta “natureza” masculina ou feminina em relação direta com a anatomia” (p. 275).

Assim reitera-se a compreensão da expressão diferença sexual que pode então ser decomposta em diferença-Real e sexualidade-simbólica. A diferença sexual deixa de ser uma duplicação da diferença significativa e passa a ser referida a uma experiência não identitária de gozo. Essa ideia fica clara na noção de que os discursos, para Lacan, fazendo uma espécie de contorno ao Real, sendo gerados pelas suas impossibilidades fundamentais: governar, educar, fazer desejar, analisar (Cossi e Dunker , 2017)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Corpo, Gênero e sexualidade são temas que emergem na contemporaneidade como um desafio, devido as demandas de uma sociedade que está em constante transformação. Nesse sentido, sabe-se que a Psicanálise como teoria e prática clínica necessita dialogar com tais compreensões para que possa de forma efetiva desenvolver sua atuação clínica.

Como objetivo centrou-se em problematizar a intersecção entre Corpo, Gênero e Sexualidade no campo da Psicanálise, sendo possível a compreensão das transformações teóricas que interferem na Epistemologia da Psicanálise. Tal como o significante “gênero” que hoje tem também um uso político em favor das minorias.

A partir desta Revisão da Literatura, do tipo narrativa, foi possível perceber as transformações sócio-históricas que produziram efeitos e ampliaram as perspectivas diante dos sujeitos. Desde os teóricos clássicos como Freud e Lacan até os teóricos contemporâneos. Repensando a afirmação freudiana que apresentava a anatomia como destino, aos questionamentos atuais em torno disso. Ressalta-se que com Lacan, a discussão gira em torno do real do sexo, como cada sujeito lida com o sexual que resiste ao saber.

Além disso, os conhecimentos adquiridos neste campo de estudos se aplica na atuação clínica, sendo importante já que, a prática clínica amplia-se e evidencia a necessidade de continuar a discussão sobre, ampliando seus limites e suas possibilidades. Ao que tange a prática evidenciou-se que é possível pensá-la e aplicá-la na clínica Psicanalítica. Pois sabe-se que no trabalho de análise

cada sujeito se interroga sobre sua relação com o real do sexo. Isso não desconsidera a política e o laço social.

Conclui-se, portanto, que o estudo das construções teóricas em torno do corpo, gênero e sexualidade no campo da Psicanálise passou por transformações significativas que redesenham a compreensão de sujeito e ampliam as possibilidades de intervenção na clínica psicanalítica, fazendo-nos perceber o quão é necessário o retorno as bases da Psicanálise. Apesar de não ser um conceito lacaniano, parece ser possível construir uma conversação entre gênero (como já foi discutido) com a perspectiva lacaniana da sexuação. Uma conversa entre história e estrutura que se apresenta como o impasse epistemológico em torno da questão.

REFERENCIAS

AFONSO, Marta. **O corpo feminino na ilustração científica: uma reflexão visual em torno de convenções e padrões de representação**. Portugal. Universidade de Aveiro. 2014.

AMBRA, Pedro Eduardo Silva . **A noção do homem em Lacan: uma leitura das formulas da sexuação a partir da história da masculinidade no Ocidente**; Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

ARAÚJO, Neriane da Silva. **As noções do corpo na história: discursos de assujeitamento dos corpos**. Universidade Estadual da Paraíba. Gurabira. 2017.

BARROS, Mateus Domingues; OLIVEIRA, Rita Patrícia Almeida. A influência da mídia e da cultura sobre o conceito da beleza. In: **Anais da Conferência Brasileira de Folkcomunicação-Folkcom**. 2017.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Transexualidades e mudanças discursivas. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte , n. 47, p. 83-89, jul. 2017 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372017000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 set. 2019.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Psicanálise, sexo e gênero. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte , n. 48, p. 135-145, dez. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372017000200014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 set. 2019.

CORDEIRO, Alexander Magno et al. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Rev. Col. Bras. Cir.** ,Rio de Janeiro, v. 34, n. 6, p. 428-431, dDecz. 2007

COSSI, Rafael Kalaf. **Transexualismo, Psicanálise e Gênero**: do Patológico ao Singular. 2010.148 p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Cossi, Rafael Kalaf e Dunker, Christian Ingo Lenz A Diferença Sexual de Butler a Lacan: Gênero, Espécie e Família. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** [online]. 2017, v. 33 [Acessado 13 Março 2022] , e3344. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102.3772e3344>>.

DANNER, Fernando. O sentido da biopolítica em Michel Foucault. **Revista Estudos Filosóficos**, n. 4, 2017.

DEL-PRIORE, Mary. **Histórias e Conversas de Mulher**. 1ª Ed. São Paulo: Planeta, 2013.

ELIAS, Valeria de Araujo. **A Proibição Obsessiva e a Demanda Transexual Como Resposta ao Mal Estar na Cultura**. In: “III Congresso Internacional de Psicopatologia fundamental e IX Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental. 2008.

FOUCAULT, M. **O nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

FOUCAULT, M. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

Foucault, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. São Paulo: Paz e Terra, 2014

FREUD, Sigmund. Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade. In: **Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. 06 (1905)**. São Paulo: Cia das Letras, 2010

FREUD, Sigmund. A Vida Sexual Humana. In: **Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. 13 (1916-1917)**. São Paulo: Cia das Letras, 2010

FREUD, Sigmund. Algumas Consequências Psíquicas das Diferenças Anatômicas Entre os Sexos. In: **Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. 16 (1924)**. São Paulo: Cia das Letras, 2010

FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In: **Obras Completas, volume 16**: o Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925). São Paulo: Companhia das Letras, 2011

FREUD, Sigmund. A Organização Genital Infantil. In: **Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. 16 (1925)**. São Paulo: Cia das Letras, 2010

FURTADO, Rafael Nogueira; DE OLIVEIRA CAMILO, Juliana Aparecida. O conceito de biopoder no pensamento de Michel Foucault. **Revista Subjetividades**, v. 16, n. 3, p. 34-44, 2017.

GOELLNER, Silvana V. . **A produção cultural do corpo**. In: LOURO, G. L. et al (Org). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petropolis: Vozes, 2003.

HARAWAY, Donna J. Manifesto Ciborgue – Ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (org e trad.) **Antropologia de ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

JORGE, M. A. C; TRAVASSOS, N. P. **Transexualidade: o corpo entre o sujeito e a ciência**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

KOSOVSKI, Giselle Falbo. Lacan e o transexual de Stoller. **Trivium**, Rio de Janeiro , v. 8, n. 2, p. 133-142, dez. 2016 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912016000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 20 set. 2019. <http://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2016v2p.133>.

Kehl, Maria Rita. Posfácio: Freud e as mulheres In: FREUD, S. **Amor, Sexualidade, Feminilidade**. Obras Incompletas de Sigmund Freud, 7. Editora Autêntica, 2019.

Lazzarini, Eliana Rigotto e Viana, Terezinha de Camargo O corpo em psicanálise. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** [online]. 2006, v. 22, n. 2 [Acessado 13 Março 2022] Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-37722006000200014>>.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**. Papyrus Editora, 2007.

LIMA, Talíta Maria Carvalho de et al. **Envelhecimento feminino: produção das subjetividades do sujeito mulher pela estética do corpo**. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2015.

LOPES, M.; MENDES, R.; REIS, S. Ser Mulher: Uma análise da imagem corporal entre adolescentes. **Revista Espacios**, v. 38, p. 1-9, 2017.

MARTINS, Matheus de Oliveira. **Como as novas mídias constroem o corpo contemporâneo**. 2015.

MARTINS, Maria de Fátima M. **Estudos de revisão de literatura**. Fiocruz, Rio de Janeiro, 2018

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. Pesquisa em psicanálise na pós-graduação: diferentes possibilidades. In: Fuad Kyrillos Neto, Jacqueline Oliveira Moreira

(Org.). **Pesquisa em Psicanálise**: transmissão na Universidade. Barbacena, MG: EdUEMG, 2010

PRUDÊNCIO, Juliéte Silva Nunes. O CORPO COMO INSTRUMENTO DE IDENTIDADE CULTURAL EM GRUPOS SOCIAIS. **Maiêutica-História**, v. 4, n. 1, 2016.

SANTOS, Silvana. O papel do corpo na contemporaneidade, as novas patologias e a escuta analítica. **Psicologia & Saberes**, v. 3, n. 3, 2014.

Scott, Joan. W. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educ. e Realid., Porto Alegre, 20(2), 71-99. 1995

SILVA, Viviane Gonçalves. **O cuidado de si e o corpo**: contribuições foucaultianas para a educação escolar de adolescentes. Universidade Federal de Larvas. Larvas – MG. 2017.

Vidal, Eduardo. O Inconsciente é a Política. IN: Política e Psicanálise- Efeitos d'escola. Revista da Letra Freudiana. Rio de Janeiro , 7 Letra, 2012.